

O LIMITE ENTRE LOUCURA E NORMALIDADE COMO IMPOSIÇÃO SOCIAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS FUNDAMENTOS DE MICHEL FOUCAULT E SUA RELAÇÃO COM PORTADORES DE ALTAS HABILIDADES

DIAS, Solange Irene Smolarek¹

RESUMO:

Este artigo realiza revisão bibliográfica sobre a construção social dos conceitos de loucura e normalidade a partir dos fundamentos teóricos de Michel Foucault, ampliando a discussão para incluir a percepção e o tratamento social dos indivíduos com altas habilidades. Analisando obras chave de Foucault, como "História da Loucura" e "Vigiar e Punir", o estudo explora como os mecanismos de poder e de discurso contribuem para a delimitação de padrões normativos que marginalizam tanto os considerados loucos quanto os dotados de altas habilidades. Ademais, são examinadas contribuições de pesquisadores na área de educação especial e psicologia, destacando como as estruturas sociais influenciam a identificação e o apoio a indivíduos superdotados. O artigo conclui que as categorias de loucura, normalidade e altas habilidades são construções sociais que refletem relações de poder e controle, ressaltando a necessidade de uma compreensão mais inclusiva e crítica desses conceitos.

Palavras-chave: Michel Foucault, loucura, normalidade, altas habilidades, construção social, poder, discurso, biopolítica.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão dos conceitos de loucura e normalidade tem sido objeto de discussão acadêmica, especialmente a partir das contribuições de Michel Foucault. Em suas obras, Foucault desafia as concepções tradicionais ao evidenciar o caráter histórico e socialmente construído dessas categorias, demonstrando que a loucura não é uma condição inerente ao indivíduo, mas sim uma etiqueta social que serve para demarcar e excluir aqueles que se desviam das normas estabelecidas. Este entendimento rompe com a visão biologicista e psicologista que predominou durante séculos, trazendo à tona a complexidade das relações de poder envolvidas na definição e no tratamento da loucura (FOUCAULT, 1978).

Paralelamente, a noção de altas habilidades ou superdotação tem sido alvo de debates quanto à sua definição e ao modo como os indivíduos que se enquadram nessa categoria são percebidos e tratados pela sociedade (PFEIFFER, 2013). Assim como a loucura, a superdotação é frequentemente vista através de uma lente patologizante ou, inversamente, idealizadora, que não leva em conta as experiências subjetivas dos indivíduos e as pressões sociais que enfrentam. As

¹ Doutora em Engenharia de Produção pela UFSC (2009); mestre em Letras pela UNIOESTE (2005); especialista em Gestão Pública pela FGV (2004); especialista em Gestão Técnica do Meio Urbano pela PUC-PR e Université Technologie de Compiègne - França (1991); especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UFRS (1980); graduada em Formação para Professores de Disciplinas de Formação Especial do Ensino de Segundo Grau pela UEPG (1977); graduada em Arquitetura pela UFPR (1973); técnica em Decoração pela ETFPR (1965). Email: solnge@fag.edu.br.

peessoas com altas habilidades muitas vezes são colocadas em posições paradoxais, sendo ao mesmo tempo exaltadas por suas capacidades excepcionais e marginalizadas por não se adequarem aos padrões convencionais de comportamento e rendimento.

Este estudo visa aprofundar a análise sobre como as construções sociais de loucura e normalidade, conforme elaboradas por Foucault, podem ser aplicadas na compreensão das experiências de indivíduos com altas habilidades. Ao revisitar a obra foucaultiana, especialmente no que tange à genealogia das práticas de exclusão e normalização, pretende-se explorar as semelhanças e divergências entre a marginalização dos chamados loucos e dos superdotados. Foucault, ao investigar as instituições e os discursos que surgem para gerir a loucura, revela como a sociedade se organiza para regular o que considera desviante, um processo que pode ser observado também na maneira como os superdotados são muitas vezes isolados ou sobrecarregados com expectativas excessivas.

A partir de uma revisão bibliográfica, busca-se discutir como os mecanismos de poder e de discurso delineados por Foucault são relevantes para entender a marginalização e a patologização tanto dos considerados loucos quanto dos superdotados.

Este estudo questiona se a mesma lógica de exclusão que opera sobre os considerados loucos não se aplica também aos indivíduos com altas habilidades, colocando em xeque as fronteiras que a sociedade estabelece entre o normal e o anormal, o aceitável e o rejeitável. A reflexão proposta aqui visa não apenas compreender essas dinâmicas, mas também sugerir caminhos para uma abordagem mais inclusiva e crítica da diversidade humana.

2. MICHEL FOUCAULT E A GENEALOGIA DA LOUCURA

2.1. A LOUCURA NA IDADE CLÁSSICA

Em "História da Loucura na Idade Clássica", Foucault (1978) apresenta uma análise genealógica da percepção da loucura desde a Idade Média até o século XVIII. Ele argumenta que, durante a Idade Média, os loucos eram vistos com certa ambiguidade, muitas vezes associados ao sagrado ou ao profano, mas integrados ao tecido social. No entanto, com o advento da Idade Clássica, ocorre o que Foucault denomina de "Grande Internamento", onde os loucos são confinados em instituições específicas, como hospitais e asilos, refletindo uma mudança significativa na percepção social da loucura.

Foucault (1978) afirma que esse internamento não se deu apenas por razões médicas, mas principalmente como uma forma de controlar desvios comportamentais que não se adequavam às

normas morais e sociais da época. Assim, a loucura passa a ser vista não apenas como uma doença, mas como uma ameaça à ordem social, justificando medidas de exclusão e repressão.

2.2. O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA LOUCURA

As instituições psiquiátricas, segundo Foucault (1978), desempenham um papel crucial na construção e manutenção da categoria de loucura. Ele destaca que tais instituições não apenas abrigam os loucos, mas também produzem discursos e práticas que definem o que é considerado loucura, legitimando intervenções médicas e sociais sobre os indivíduos internados.

Essa abordagem foucaultiana revela como o saber psiquiátrico é intrinsecamente ligado ao exercício do poder, onde a medicina mental atua como um instrumento de controle social, moldando comportamentos e reforçando normas hegemônicas (FOUCAULT, 1978). Dessa forma, a definição de loucura é menos uma questão de diagnóstico objetivo e mais um produto das relações de poder e saber que permeiam a sociedade.

3. PODER, DISCURSO E NORMALIZAÇÃO

3.1. CONCEITOS DE PODER E DISCURSO EM FOUCAULT

Foucault (1987) concebe o poder não como algo que é possuído por indivíduos ou grupos, mas como uma rede de relações que permeia toda a sociedade. O poder é produtivo, pois gera saberes, discursos e verdades que orientam e regulam comportamentos. O discurso, por sua vez, é entendido como uma prática que produz significados e conhecimento, estabelecendo o que é considerado verdadeiro ou falso em determinado contexto histórico social.

Essa interrelação entre poder e discurso é fundamental para entender como certas categorias, como loucura e normalidade, são construídas e mantidas. Segundo Foucault (1987), os discursos médicos, jurídicos e educacionais são exemplos de como o poder se manifesta através de práticas discursivas que definem e controlam o que é considerado comportamento aceitável ou desviante.

3.2. A NORMALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE CONTROLE

A normalização é um mecanismo pelo qual os indivíduos são avaliados, categorizados e disciplinados conforme padrões estabelecidos de normalidade (FOUCAULT, 1987). Esse processo

é evidenciado nas instituições educacionais, médicas e jurídicas, onde regras e procedimentos são implementados para assegurar que os indivíduos se conformem a determinadas normas.

No contexto da loucura, a normalização atua identificando e isolando aqueles que não se enquadram nos padrões considerados normais, justificando intervenções terapêuticas ou punitivas (FOUCAULT, 1987). Esse mesmo processo pode ser observado na maneira como indivíduos com altas habilidades são tratados, muitas vezes enfrentando expectativas desproporcionais ou sendo vistos como desviantes por não se adequarem aos modelos educacionais padronizados (FREEMAN, 2005).

4. ALTAS HABILIDADES E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA NORMALIDADE

4.1. DEFINIÇÃO E PERCEPÇÃO SOCIAL DAS ALTAS HABILIDADES

As altas habilidades, também referidas como superdotação, são tradicionalmente definidas como um conjunto de capacidades intelectuais acima da média, criatividade excepcional e alto comprometimento com tarefas (RENZULLI, 1978). No entanto, essa definição tem sido contestada por enfatizar aspectos cognitivos em detrimento de outras dimensões, como habilidades sociais e emocionais (STERNBERG & DAVIDSON, 2005).

A percepção social dos indivíduos com altas habilidades é ambígua. Enquanto alguns são admirados e incentivados, outros enfrentam estigmatização e isolamento social, especialmente quando suas habilidades não se alinham com as expectativas ou normas culturais predominantes (PFEIFFER, 2013). Essa dualidade reflete a construção social da normalidade, onde desvios positivos também podem ser vistos como ameaças à ordem estabelecida.

4.2. ALTAS HABILIDADES E MECANISMOS DE PODER E DISCURSO

Aplicando os conceitos foucaultianos, observa-se que os discursos educacionais e psicológicos sobre altas habilidades exercem poder ao definir quem é considerado superdotado e quais são as intervenções adequadas (MENDAGLIO, 2003). Esses discursos muitas vezes reproduzem desigualdades sociais, privilegiando determinados grupos socioeconômicos e culturais na identificação e no suporte a indivíduos com altas habilidades (PETERS, 2016).

Além disso, as práticas institucionais podem impor formas de normalização que não consideram as necessidades individuais dos superdotados, levando à marginalização e ao subaproveitamento de suas capacidades (GROSS, 2004). Dessa forma, o poder e o discurso atuam

conjuntamente para moldar as experiências desses indivíduos dentro do contexto social e educacional.

5. PARÂMETROS COMPARATIVOS ENTRE LOUCURA E ALTAS HABILIDADES

5.1. MARGINALIZAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

Tanto indivíduos rotulados como loucos quanto aqueles identificados com altas habilidades podem experimentar formas de marginalização e exclusão social. No caso dos considerados loucos, a exclusão é frequentemente explícita, através de confinamento e estigmatização (FOUCAULT, 1978). Para os superdotados, a exclusão pode ser mais sutil, manifestando-se através de isolamento social, *bullying* e falta de apoio adequado em ambientes educacionais (COLEMAN & CROSS, 2005).

Essa marginalização resulta da incapacidade ou recusa da sociedade em acomodar diferenças que desafiam as normas estabelecidas, evidenciando a função disciplinar das estruturas sociais e institucionais (FOUCAULT, 1987). Ambos os grupos são assim submetidos a mecanismos de controle que buscam conformá-los ou segregá-los para manter a coesão social.

5.2. RESISTÊNCIA E SUBVERSÃO DAS NORMAS

Foucault (1978) identifica na loucura uma forma de resistência às estruturas de poder, uma vez que o comportamento desviante desafia as normas e valores estabelecidos. De modo similar, indivíduos com altas habilidades podem subverter expectativas sociais ao demonstrar pensamentos e comportamentos que escapam às convenções, promovendo inovação e mudança social (STERNBERG, 2010).

Essa resistência pode, contudo, ser reprimida pelas mesmas estruturas de poder que buscam manter a ordem social, evidenciando a tensão constante entre conformidade e individualidade (FOUCAULT, 1987). Reconhecer e valorizar essas formas de resistência é essencial para fomentar uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

6. IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS E SOCIAIS

6.1. NECESSIDADE DE POLÍTICAS INCLUSIVAS

As análises foucaultianas ressaltam a importância de desenvolver políticas educacionais e sociais que reconheçam a diversidade de experiências e capacidades humanas sem recorrer a categorizações excludentes (BALL, 2013). No contexto das altas habilidades, isso implica na implementação de programas educacionais que atendam às necessidades específicas desses indivíduos, promovendo seu desenvolvimento integral sem isolá-los ou estigmatizá-los (RILEY & KARNES, 2005).

Da mesma forma, abordar questões de saúde mental requer uma compreensão mais abrangente que considere os fatores sociais e culturais que contribuem para o sofrimento psicológico, em vez de se limitar a diagnósticos clínicos e intervenções medicalizadas (ROSE, 1999).

6.2. DESCONSTRUÇÃO DE DISCURSOS DOMINANTES

Para superar as limitações impostas pelos discursos dominantes sobre loucura e altas habilidades, é necessário promover uma desconstrução crítica desses conceitos, revelando suas bases históricas e sociais (FOUCAULT, 1978). Isso pode ser alcançado através de práticas educativas que incentivem o pensamento crítico e a reflexão sobre as estruturas de poder que influenciam percepções e ações (GIROUX, 1988).

Além disso, a inclusão de vozes marginalizadas nos debates públicos e acadêmicos é fundamental para desafiar e reformular os discursos hegemônicos, promovendo uma compreensão mais inclusiva e complexa da experiência humana (HOOKS, 1994).

7. CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo revisitam-se teorias de Michel Foucault sobre a construção social das categorias de loucura e normalidade, evidenciando como essas categorias são historicamente moldadas por relações de poder e discursos que buscam controlar e excluir o que é considerado desvio. Foucault mostrou que a loucura, longe de ser uma condição puramente biológica ou psicológica é, na verdade, uma construção social que reflete as dinâmicas de poder e o desejo de manter a ordem social. Esse entendimento permitiu expandir a análise para incluir os portadores de altas habilidades que, apesar de serem dotados de capacidades acima da média, muitas vezes também são marginalizados por não se adequarem aos padrões normativos da sociedade.

A análise mostrou que, assim como os chamados loucos, os indivíduos com altas habilidades são frequentemente enquadrados dentro de discursos que os definem de maneira restritiva, seja exaltando suas habilidades como "genialidade" ou rebaixando-os ao status de "desajustados". Esses discursos, que se manifestam em instituições educacionais, psicológicas e sociais, exercem um poder disciplinar que busca normalizar esses indivíduos, impondo-lhes expectativas desproporcionais ou mesmo marginalizando-os quando suas habilidades não se encaixam nos modelos convencionais.

Retomando as contribuições de Foucault sobre poder e discurso, constatou-se que a categorização tanto da loucura quanto das altas habilidades é menos uma questão de identificação objetiva e mais uma questão de controle social. A normalização, como discutido, é uma estratégia de poder que visa manter a ordem social, excluindo ou disciplinando aqueles que não se conformam às normas estabelecidas. Nesse sentido, a sociedade utiliza essas categorias para reforçar dinâmicas de exclusão e controle, subjugando aqueles que desafiam os limites do "normal".

Portanto, a partir dessa revisão, reafirma-se que a separação entre loucura, normalidade e altas habilidades é uma imposição social que deve ser criticamente analisada. A obra de Foucault oferece ferramentas teóricas para desconstruir essas fronteiras e para entender como as relações de poder permeiam concepções de normalidade e desvio. Este artigo convida, assim, a uma reflexão mais profunda sobre as implicações de tais construções sociais e sobre a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e crítica na forma como a sociedade lida com a diversidade de capacidades humanas.

Em conclusão, a partir das contribuições de Michel Foucault, este estudo evidencia que as categorias de loucura, normalidade e altas habilidades são construções sociais profundamente influenciadas por mecanismos de poder e discurso. Essas construções servem não apenas para categorizar e entender comportamentos humanos, mas também para exercer controle e manutenção da ordem social. Compreender essas dinâmicas é crucial para desenvolver abordagens mais inclusivas e equitativas tanto na saúde mental quanto na educação de indivíduos com altas habilidades. Ao desafiar os discursos e práticas normativas que marginalizam e excluem avança-se em direção a uma sociedade que valoriza e apoia a diversidade das capacidades e experiências humanas.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. **Foucault, Power, and Education**. New York: Routledge, 2013.

- COLEMAN, Laurence J.; CROSS, Tracy L. **Being Gifted in School: An Introduction to Development, Guidance, and Teaching**. Waco, TX: Prufrock Press, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREEMAN, Joan. **Out of School Educational Provision for the Gifted and Talented Around the World**. In: European Journal of Education, v. 40, n. 1, p. 519, 2005.
- GIROUX, Henry A. **Teachers as Intellectuals: Toward a Critical Pedagogy of Learning**. Granby, MA: Bergin & Garvey, 1988.
- GROSS, Miraca U.M. **Exceptionally Gifted Children**. London: Routledge, 2004.
- HOOKS, Bell. **Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom**. New York: Routledge, 1994.
- MENDAGLIO, Sal. **Counseling Gifted and Talented Children: A Guide for Teachers, Counselors, and Parents**. Westport, CT: Praeger, 2003.
- PETERS, Dan. **From Worrier to Warrior: A Guide to Conquering Your Fears**. Waco, TX: Prufrock Press, 2016.
- PFEIFFER, Steven I. **Serving the Gifted: Evidence Based Clinical and Psychoeducational Practice**. New York: Routledge, 2013.
- RENZULLI, Joseph S. **What Makes Giftedness? Reexamining a Definition**. In: Phi Delta Kappan, v. 60, n. 3, p. 180184, 1978.
- RILEY, Tracy L.; KARNES, Frances A. **Giftedness and Gifted Education: Reflecting on the Past, Understanding the Present, and Looking to the Future**. In: Educational Psychology Review, v. 17, n. 3, p. 191198, 2005.
- ROSE, Nikolas. **Governing the Soul: The Shaping of the Private Self**. London: Free Association Books, 1999.
- STERNBERG, Robert J. **Wisdom, Intelligence, and Creativity Synthesized**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- STERNBERG, Robert J.; DAVIDSON, Janet E. **Conceptions of Giftedness**. New York: Cambridge University Press, 2005.